

## **Caminhos políticos para a paz no contexto da mundialização do terrorismo\***

Meus senhores e caros amigos, começo por agradecer ao Senhor Presidente da Universidade Católica do Porto e meu amigo, Professor Francisco Carvalho Guerra, e ao Senhor Director da Faculdade de Teologia da mesma Universidade, Professor Jorge Teixeira da Cunha, o convite tão honroso que me foi feito para participar nas Jornadas de Teologia sobre “Cristianismo e Comunidade Internacional” com uma intervenção que intitularam “Caminhos para a Paz no contexto da Mundialização do Terrorismo”. Não poderiam ter escolhido um tema nem mais actual nem mais pertinente para vos falar. Sublinho, o que não seria necessário fazer aqui nesta casa, na Universidade Católica Portuguesa, a importância decisiva da paz num mundo perigoso, inseguro e incerto como é o nosso mundo actual.

A paz, não somente como ausência de guerra, e a guerra é uma realidade terrível em várias regiões do mundo de hoje, mas também como sentimento de segurança das pessoas. Sentimento este que não existe num mundo tão inseguro e incerto e imprevisível como é infelizmente o nosso. E também a paz como desenvolvimento porque, como ensinou João Paulo II no seu célebre discurso nas Nações Unidas, o desenvolvimento é o novo nome da paz, como ele muito bem disse nesse discurso. Depois dos trágicos acontecimentos de 11 de Setembro que atingiram o World Trade Center e o Pentágono e poderiam porventura ter atingido a Casa Branca ou o Congresso, visto que o avião caiu ou foi abatido e não atingiu o alvo. Estes dois pontos são os símbolos máximos da hegemonia económica e militar dos Estados Unidos. O Presidente Bush, num discurso que fez quase imediatamente, declarou a

---

\* Texto reproduzido a partir de gravação magnética.

guerra ao terrorismo. Entenda-se que, quando Bush falou de terrorismo, não falou de qualquer tipo de terrorismo, falou do terrorismo fundamentalista islâmico, visto que foi desse tipo de terrorismo que partiu o ataque aos alvos americanos, e fê-lo quando declarou a guerra ao terrorismo com legitimidade. Essa legitimidade foi-lhe conferida pela resolução aprovada por unanimidade no Conselho de Segurança das Nações Unidas que aceitou essa resolução assente no princípio da retaliação, o velho princípio do “olho por olho, dente por dente”, mas de uma retaliação diferida no tempo não imediato, como se a retaliação fosse equivalente à legítima defesa. Ora, a legítima defesa precisa de ser feita no imediato, em flagrante delito, quando há o perigo de alguém estar a ser vítima e pode, para se defender dessa potencial agressão chegar a extremos, inclusivamente matar.

Todas as legislações penais do mundo consagram este princípio. Mas, neste caso, as Nações Unidas foram mais longe visto que acharam que a legítima defesa pode ir num sentido diferido, quer dizer, quando já não há perigo de outro ataque, ou quando é muito remoto esse perigo. Passados dois meses dos acontecimentos, é que começa a retaliação. No plano jurídico penal e no plano do direito internacional, isto representa um precedente que tem muito melindre para o futuro e que é perigoso. Por agora, eu só anoto este ponto à margem como aliás tem sido feito em várias universidades americanas e nalguma imprensa americana.

Os Estados Unidos sentiram-se pela primeira vez vulneráveis. Antes dos acontecimentos trágicos do 11 de Setembro, os Estados Unidos estavam envolvidos num projecto para se defenderem de qualquer ataque exterior que era um enorme projecto multi-milionário chamado escudo nuclear anti-mísseis. Mas, apesar desse projecto que permitia que os Estados Unidos pudessem detectar qualquer míssil que fosse enviado de outros continentes em direcção aos Estados Unidos e abatê-lo no mar, quer no Pacífico quer no Atlântico, quer no Norte quer no Sul, desta vez eles foram atingidos por dois aviões de passageiros normalíssimos em que ia uma população.

Bastou que houvesse uns tantos kamikazes dispostos a morrer para tomarem conta dos aviões e os atirarem cheios de gasolina contra dois arranha-céus e contra o edifício do Pentágono e provocarem toda a destruição que é conhecida.

Por isso, pela primeira vez, os Estados Unidos sentiram-se extremamente vulneráveis, e foi bom para os Estados Unidos que o mundo inteiro mostrasse e manifestasse a sua solidariedade para com as vítimas e a sua solidariedade para com o povo americano.

Foi por isso que eles, na altura, tiveram uma certa contenção na resposta, não obstante o Presidente americano ter dito “eu quero que encontrem o Bin Laden”, que foi então proclamado como origem do mal. “Eu quero que tragam o Bin Laden”, como se dizia no Farwest, “vivo ou morto”! Anote-se também de passagem, que um presidente de uma nação tão importante como os Estados Unidos, que é um estado de direito, não pode dizer “tragam-no vivo ou morto”. Ele devia ter dito às forças americanas “vejam se encontram o Bin Laden, se lhe preservam a vida para ele poder ser julgado num tribunal independente”. Mas não foi isso que ele disse; lembrou-se dos filmes americanos, e saiu-lhe aquela do “tragam-no vivo ou morto”. Nessa altura, os Estados Unidos procuram fazer uma grande coligação à sua volta, e essa coligação foi composta por países tão diferentes como os países da União Europeia, que foram os primeiros a demonstrar a sua solidariedade, mas também a China, também a Rússia, dois membros do Conselho de Segurança que votaram a favor dos Estados Unidos na resolução do Conselho de Segurança.

E também vários outros países do mundo, inclusive muitos países árabes. Os principais, podemos dizer. Criou-se uma grande coligação para actuar concertadamente nessa guerra declarada contra o terrorismo. Mas, logo a seguir a isso, não foi definido qual era de uma maneira precisa o inimigo e qual era o terrorismo, até porque não se sabia. Evitou-se a definição do que era o terrorismo. Ainda hoje as potências internacionais não estão de acordo acerca da definição de terrorismo, pois não há uma definição universalmente válida e única de terrorismo. E isto vai trazer-nos algumas complicações, pois muitas vezes há a tendência para dizer que terrorismo é aquilo que se passa em Espanha com a ETA... Claro que isso é terrorismo, mas é desse terrorismo que estamos a falar? Não, não é desse terrorismo que se está a falar. Não é desse, porque esse é um terrorismo localizado e nós estamos perante um terrorismo global, que tanto pode atacar nos Estados Unidos como na Suécia ou na China ou em qualquer outro lugar.

Portanto, não é esse o terrorismo, mas também não é o terrorismo que os angolanos dizem que era o terrorismo da UNITA. O actual Embaixador dos Estados Unidos em Angola, o Senhor Bell, teve o cuidado de dizer quando chegou a Angola: “não, isto não é terrorismo; trata-se de uma luta étnica entre dois partidos que estão em guerra civil desde há 30 anos; é, portanto, diferente”. A verdade é que ainda não foi definido o que se chama terrorismo. Mas os Estados Unidos, por não terem encontrado ou terem dificuldades em definir o terrorismo, começaram na luta contra o terrorismo a evidenciar unilateralismo; quer dizer, eles próprios

hegemonizaram as decisões a tomar nessa guerra pelos Estado Unidos sem consultar ninguém, incluindo os seus especiais amigos ingleses, e o Senhor Blair em particular, que foi dos primeiros e dos mais eloquentes.

E não obstante os Estados Unidos se sentirem vulneráveis, nem por isso deixaram de ser hegemónicos; pelo contrário, têm vindo a reforçar a sua hegemonia no mundo. Disseram sempre que a guerra não era religiosa. Não se trata de uma guerra religiosa; não estamos perante uma situação daquelas que foram previstas pelo político americano Samuel Huntington, que todos conhecem, autor dos livros *The Clash of Civilizations*, 1993 e *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, 1996, mas estamos talvez perante uma situação em que o inimigo está insuficientemente definido. A situação de guerra ao terrorismo tem vindo a criar problemas complicados, visto que, tanto no domínio económico e social, como no domínio político, e sobretudo no domínio psicológico, não tem sido possível tratar das grandes populações, das grandes massas populacionais muçulmanas, de maneira a evitar que elas não se sintam humilhadas; hoje estão ao lado dos Estados Unidos e dizem-no, mas não se sabe bem até que ponto isso corresponde à verdade; e as populações árabes, na sua esmagadora maioria, consideram-se vítimas de uma humilhação e há o perigo de pensarem que estão metidas numa guerra religiosa; e isto é extremamente importante.

O inimigo, numa guerra total como é esta que foi declarada, tem que ser concreto; mas como é que ele foi identificado até agora?

Em primeiro lugar através de um homem, Bin Laden, que se transformou numa espécie de mito e que cada vez está mais afamado.

A figura humana Bin Laden, que é uma figura humana mesmo que seja o génio do mal, não se sabe bem o que é, quais são as suas motivações, conhece-se vagamente o que faz, não se sabe neste momento onde ele está, se está vivo ou morto, embora os Estados Unidos digam que está vivo.

O outro inimigo era a rede de terrorismo que Bin Laden construiu, dizem os Estados Unidos, chamada Al-Qaeda, que, segundo os peritos do Financial Times, num artigo muito recente, parece que está longe de estar aniquilada. Os líderes principais estão todos em liberdade, estão a recrutar novos agentes em todo o mundo, estão a fazer a sua propaganda no Golfo, e não é somente na Arábia Saudita, mas também noutros países que têm petróleo e que são países ricos, de onde continua a vir o dinheiro para os apoiar, porque estão disseminados no mundo. Ora isto é extremamente perigoso para o futuro.

Finalmente, o governo que existia na altura no Afeganistão, que era denominado o governo Taliban, e sobretudo o Mullah Omar, que era o chefe desse governo. Curiosamente, o Mullah Omar, segundo a informação americana dada não só pela CNN mas por todas as agências internacionais,

teria fugido de burro, o que é extraordinariamente estranho, perante aquilo que nós vimos na televisão com aqueles super aviões, todos sofisticados, onde tudo o que uma pessoa faz se sabe num raio de um metro quadrado e há telescópios gigantes que vêem as pessoas até nesse raio de intimidade. Com uma cobertura de todo o espaço aéreo do Afeganistão, não detectaram que esse perigosíssimo Mullah Omar fugiu de burro!

Os jornais dizem, o que é também curioso, que o Bin Laden, como não podia usar telefones porque eram detectados pelos satélites, utilizou então para as suas comunicações pombos correios!

É uma coisa extraordinária que por um lado haja este aparato bélico extraordinário com o que há de mais sofisticado e mais avançado da terra, e de outro lado estas pessoas também conseguem comunicar!

Portanto, como identificação do inimigo, isto é bastante pouco, tanto mais que se diz que este inimigo tem tentáculos espalhados por todo o mundo; não se sabe onde estão, são como sombras, mas isto é suficiente para empenhar os Estados Unidos com gastos fabulosos para continuar essa guerra contra o terrorismo. A guerra atingiu até agora apenas o Afeganistão, e com êxito, porque destruiu realmente o governo dos Taliban; aliás não era difícil, porque era um governo odioso mas medieval, que não tinha nada; as armas que eles tinham eram as que deixaram os russos, desactualizadas; portanto, não era difícil.

O governo dos Taliban foi destruído e foi substituído pelos senhores da guerra, os tais “mujhaedins”, que são essas diferentes etnias afegãs que têm feito a guerra aos russos, foram utilizados pelos americanos, depois foram abandonados porque estavam próximos dos russos, e agora foram novamente recuperados para substituir os Taliban. Eu não sei se o governo destes “mujhaedins” é substancialmente melhor que o governo dos Taliban; só o tempo nos vais dizer. O Bin Laden esfumou-se, não se sabe onde está, vêm todos os dias nos jornais notícias que dizem que está aqui, está ali. Agora dizem que está na Indonésia. Mas nós perguntamos: como é que ele conseguiu fugir? Somos levados a pensar que as fronteiras do Afeganistão, quer para o Irão, quer para as Repúblicas Russas, quer talvez para a China, eram fronteiras singularmente porosas; quer dizer, passava tudo, porque passou imensa coisa ali: passava a droga, passavam as armas, e deve ter havido, isso é o mínimo que se pode pensar, imensas cumplicidades no mundo árabe, dadas as suas declarações de princípios: abaixo o terrorismo! etc.

Por outro lado, protecção aos ditos terroristas, porque senão eles não podiam fugir da maneira que fugiram. Isso é uma coisa inquietante para todos nós.

Mas os apoios não vieram só da parte do mundo árabe; há outras complicitades, há resistências efectivas à hegemonia e à dominação dos Estados Unidos em relação ao mundo. Ainda há pouco tempo vim da América Latina e encontrei lá um ambiente entre os latino-americanos de anti-americanismo violento. Porquê? Exactamente porque não têm nada a ver com o terrorismo, mas têm a ver com a dominação que existe, patente no facto de, no actual sistema económico, o mundo inteiro estar a trabalhar praticamente para três povos: para os Estados Unidos, em primeiro lugar; depois subalternamente, para a União Europeia – nós também somos beneficiários – e também para o Japão. Fora disso, o mundo está à margem, está um pouco marginalizado.

Não nos podemos admirar que haja esse sentimento de resistência aos Estados Unidos, e apesar do pensamento único, apesar da dominação existente, apesar da força do dinheiro, os próprios americanos, diz a imprensa americana, se considerem uma potência do bem. É por isso, porque há humilhação e uma dominação que é excessiva e opressiva, que consideramos que muitas das notícias que têm sido divulgadas no mundo inteiro sobre esta guerra ao terrorismo, que têm como única fonte os Estados Unidos, a CNN, as grandes agências de comunicação internacional, que dizem umas coisas e que não dizem outras, que a nossa informação é extremamente condicionada e extremamente unilateral. Ontem ouvi uma conferência extremamente interessante do Prof. Freitas do Amaral, em que ele dizia esta coisa extraordinária: “a mim, como amigo da América, inquieta-me muito a circunstância de saber que a administração americana tem encorajado os jornais e todos os meios de comunicação e todas as medidas que estão a tomar para se defenderem dum certo pânico que existe”. A propósito disso eu queria dizer que existe nos Estados Unidos e no mundo ocidental um certo apelo ao pânico, isto é, quando se fala por exemplo do antrax, quando se anuncia que vai haver outro ataque terrorista, alerta generalizado, mobilizam-se as forças porque vai haver um ataque e depois não acontece nada. Quando se fala do antrax, que ocupou as nossas televisões durante mais de um mês, e afinal chegou-se à conclusão que eram uns tantos americanos, mais ou menos malucos, que mandavam cartas com pó, que não era nada de grave, e depois deixa-se cair a notícia do antrax.” As pessoas começam a ficar desconfiadas: para que é que serve este apelo ao pânico, porque é que se faz isto, porque é que se repete esta ideia?

Não tenho nenhuma certeza acerca do que estou a dizer; estou a fazer interrogações. Quem foram estes tipos que lançaram a coisa do antrax?

Com que fins é que eles actuaram? Há quase um mês que não se fala do antrax, desapareceu a questão dos jornais, mas nunca ninguém explicou quem são eles e o que fazem e porque é que o fazem.

Devem sabê-lo, mas não o dizem. Há um outro fenómeno que pode, de alguma maneira, ajudar a explicar as coisas. É que, quando surgiram os ataques do 11 de Setembro, os Estados Unidos estavam num período económico chamado de recessão; havia um abrandamento da expansão dos Estados Unidos e previa-se que a economia dos Estados Unidos entrasse em crise.

Ora, justamente os Estados Unidos resolveram, para estimular a economia, entrar naquilo a que se chama uma economia de guerra: pôr as fábricas a produzir mais armamento, dar às pessoas mais créditos para a segurança, triplicar os orçamentos de defesa e todas as questões numa espiral imensa de distribuição de dinheiro público para coisas de guerra, e assim, rodar a máquina da economia americana, convencidos de que assim poderiam ultrapassar o problema da recessão. Fazendo crer e divulgando que vem aí mais um ataque, serve para facilitar os créditos e faz com que ninguém possa opôr-se dentro dos Estados Unidos. Uma tal política é perigosa para os próprios Estados Unidos e é perigosa para o mundo. E assistimos a fenómenos complicados, como os tribunais militares especiais, criados nos Estados Unidos, para julgar certos tipos de crimes de terrorismo. Estes tribunais não têm as garantias jurídicas que deviam ter. E os prisioneiros que estão lá, não se sabe quem são: são apenas suspeitos de ser terroristas. Mas, como vocês sabem, em direito, toda a gente é inocente até que um tribunal o condene, como prova transitada e julgada. Isto é um princípio universal desde os romanos, e é um princípio fundador básico da nossa civilização e do nosso sistema jurídico. Eles trouxeram esses presos, esses possíveis terroristas, eventuais terroristas, adormecidos em avião para uma base que eles têm em Cuba, Guantanamo. Trouxeram-nos adormecidos, contra todas as regras dum preso, e trouxeram-nos, como se viu em todas as televisões, com correntes, que era um tratamento que já não existia, não lhes foi conferido nenhum advogado, ninguém sabe como eles estão agora a ser interrogados e o que se passa. Estão em Guantanamo porque ninguém pode lá chegar, nem os jornalistas, porque é uma base militar dentro de um país comunista que é Cuba, que, aliás, nem se importou, o que também é estranho. Há uma senhora, a alta comissária para os Direitos Humanos da ONU, que está em Genebra, que tem sido de uma coragem extraordinária e que eu nunca deixo de louvar, a Senhora Mary Robinson, que foi presidente da República da Irlanda. Essa Senhora, em

várias conferências de imprensa – e eu assisti a uma delas –, denunciou esta situação com uma coragem exemplar, e, mais do que isso, acusou os Estados Unidos de não estarem a cumprir a convenção de Genebra que obriga a tratar com dignidade os prisioneiros de guerra. E este estado de coisas não começou na última grande guerra de 1939-1945 nem na de 1914-1918. Remonta já às guerras do século XIX. Portanto, isto tem vindo a sedimentar-se, é um fundo de direito penal e de processo penal para defesa das pessoas que são apanhados numa situação que as transcende. Não sabemos se isto está a ser considerado na actual situação.

Ora, isto tem, a meu ver, uma extrema gravidade, porque o presidente Bush criou uma teoria recente que espantou a União Europeia e que para nós é muito difícil de digerir: refiro-me à chamada teoria do “eixo do mal”. Não foi uma ideia perfeitamente original, pois já vinha do Presidente Reagan que, no tempo da guerra fria, também disse – e isso foi muito polémico também – que a União Soviética era a potência do mal. Ora, falar do mal contra o bem, que é um assunto que as religiões conhecem bem, é uma questão melindrosa, pois entra-se no plano do subjectivo. Mas há regras para avaliar esses dados. É para isso que serve o direito. Mas a verdade é que a Europa ficou bastante preocupada com este eixo do mal, e o Presidente Bush referiu que havia três países que estavam a dar abrigo a terroristas: O Iraque (Saddam Hussein), o Irão e a Coreia do Norte. A partir daqui, estes três países ficam na mira americana, e a imprensa internacional e as agências americanas começaram a dizer que iriam ser atacados o Iraque, o Irão e a Coreia do Norte.

Imaginem como ficou a China, e qual terá sido o pendor das conversações que houve entre o Presidente Bush e o presidente da China. A China está a sentir-se cercada. Se virmos bem, no Afeganistão está um governo pró-americano ou dominado pelos americanos, do outro lado está o Japão, e se a Coreia do Norte for ocupada como a Coreia do Sul, a China fica, de facto, cercada. Esta teoria pôs muitos dos aliados dos Estados Unidos em alerta, porque se amanhã o Presidente americano resolver atirar uma série de mísseis sobre Bagdad, o que é que nós vamos fazer? Como é que nós vamos reagir? Temos interesses com o Iraque, temos comércio com eles, como temos, nós e a União Europeia, interesses e negócios com o Irão. Com a Coreia do Norte, nem tanto. Mas enfim estas coisas são suficientemente graves para não poderem ser decididas apenas pela Administração de um país, por maior que seja esse país. Se o Iraque vier a ser atacado, não tenhamos dúvidas de que o mundo árabe vai reagir de uma maneira fortíssima e que este ditador abominável, que é Saddam Hussein,

vai transformar-se numa espécie de bandeira e em mártir do mundo árabe. Mas também não basta pôr uma pedra sobre o assunto. Em matéria de política, quando se atira uma pedra, há sempre boomerang, e isto pode ser muito complexo.

Para agravar este esquema há o problema-chave do conflito Israelo-Palestiniano, para não falar do conflito de Caxemira entre a Índia e o Paquistão, duas potências que estão na coligação contra o terrorismo, mas também ambas têm bombas atómicas e fazem operações militares em Caxemira. O conflito de Israel e da Palestina é o conflito-chave que está na origem de todos os ressentimentos e de todos os ódios islâmicos contra o Ocidente. Ninguém pode dizer que este conflito não é um conflito religioso, porque é. De um lado estão os judeus e do outro os muçulmanos. No meio, aflitos, estão os cristãos, e nós temos feito toda a pressão no sentido de conseguir a paz, que esteve quase para ser atingida nos últimos tempos do Presidente Clinton. Entretanto tudo isto mudou, e o primeiro ministro de Israel, o Senhor Sharon, que aliás conheço pessoalmente, que é um falcão, como se diz em matéria política, um animal predador, tem como ideia eliminar Arafat, eliminá-lo fisicamente, como o Eduardo dos Santos, que visitou ontem Portugal de passagem para a América, tinha como ideia e conseguiu, eliminar fisicamente o Savimbi. Se matarem o Arafat, e ainda ontem caiu uma bomba na casa contígua à dele, e se os problemas se agravarem no Médio Oriente e especialmente em Israel e na Palestina, nós vamos ser por força das coisas envolvidos num conflito muitíssimo mais largo e de consequências totalmente imprevisíveis. Aqui o presidente Bush manifestou alguma prudência e reconheceu o princípio do estado Palestiniano, ao mesmo tempo que, na viagem que recentemente Sharon fez a Washington, o Presidente Bush não lhe deu luz verde para atacar Arafat, tanto como ele gostaria. E é por isso que há ali neste momento um impasse entre todas forças da paz de um lado e de outro; há forças da paz do lado de Israel, fundamentalmente os trabalhistas, e há forças da paz do lado muçulmano, fundamentalmente Arafat. Há forças de guerra terrorista do lado de Israel, e há forças de guerra terrorista do lado muçulmano, o Hamas, o Hezbollah, etc.

Ora, se isto se vier a complicar, nós entramos numa situação imprevisível. A América, a meu ver, tem esquecido que a guerra contra o terrorismo islâmico não tem, nem pode ter, só uma componente militar. É que esta componente militar nem sequer é a mais importante. A componente diplomática e a da solidariedade são tanto ou mais importantes do que a componente militar. Ignorando este facto e só utilizando o aspecto militar,

a América perdeu a oportunidade de contribuir para a criação de uma nova ordem que esteve de novo nos horizontes depois de 11 de Setembro, uma ordem mundial mais humana e mais justa; mas, para isso, era preciso reconhecer que há problemas no mundo que têm de ser resolvidos e não podem ser ignorados.

Foi mau para os Estados Unidos, que são um país pioneiro, generoso, idealista e humanitário, que veio à Europa duas vezes nas guerras de 1914-1918 e 1939-1945. Perderam muitas vidas americanas para salvar a liberdade. É pena que não tenham aproveitado esta oportunidade para dar uma volta nas coisas do mundo. Mas a verdade é que estão a perder esta oportunidade, pois, após o 11 de Setembro, a América reaproximou-se da ONU, que tinha sido uma instituição marginalizada pelos Estados Unidos desde o fim da Guerra Fria, que pagou uma parte muito importante das dívidas para a ONU poder viver, afastou a NATO destas operações militares no Afeganistão, que foi também uma boa coisa. Alargou a grande coligação aos países árabes, reconhecendo a necessidade de criar um estado palestino. Isto foram coisas positivas, mas foi sol de pouca dura infelizmente, porque, com os bombardeamentos no Afeganistão, os Estados Unidos voltaram à política da mão dura, e ninguém pode avaliar os resultados dessa política.

O Papa João Paulo II relançou com muito êxito o diálogo ecumênico e inter-religioso, pelo qual se tem vindo a bater desde há muitos anos, quase desde o início do seu mandato, e fê-lo em Setembro último, depois dos atentados, mas tudo estava organizado antes em Assis. Escolheu Assis exactamente por ser uma cidade simbólica, de S. Francisco de Assis, e fê-lo de uma maneira muito mais ampla do que antes, através da comunidade de Santo Egídio. As religiões, para não estimularem os conflitos, têm que saber dialogar entre si. O Papa compreendeu isto desde o início, estabelecendo um certo número de valores comuns. Não é fácil, porque cada religião está convencida de que é detentora da verdade e, portanto, o diálogo implica alguma dúvida, implica o reconhecimento do outro e do que é diferente de nós.

Mas há realmente princípios comuns entre as diversas religiões. São esses princípios comuns que vale a pena pôr em relevo. Quais são eles? A *Justiça* em primeiro lugar, pois é um sentimento que está difuso na consciência de todas as pessoas, e implica a aceitação do outro, o reconhecimento do outro, e saber que aquele que é diferente de nós tem a mesma dignidade humana que nós próprios; e tendo a mesma dignidade, tem também as suas diferenças de concepção, diferenças étnicas, qualquer tipo de

diferenças. Depois o *Bem*, o sentimento do bem, não já no sentido filosófico do que é o bem, mas sim no sentido da prática do bem e daquilo que é considerado em todas as religiões como a prática de fazer bem, o que implica a compaixão, a capacidade de perdão, a tolerância, a generosidade, o respeito pela dignidade da pessoa humana, para além de outros grandes valores como a solidariedade, que afinal não é muito diferente da caridade cristã, mas tem a sua nuance. O sentimento de que entre todos os humanos, quaisquer que sejam as suas religiões, as suas diferenças, mesmo de sexo, de condições sociais, etc., pode haver uma comunidade de destino que resulta da própria condição humana, do mistério com que todos nós vimos ao universo, do mistério do nosso nascimento, o mistério da nossa morte.

Tudo isso são valores que podem ser comuns entre diversas religiões e que estão curiosamente na base daquilo que um grande humanista, que foi o presidente que morreu agora, Leopoldo Senghor, católico e socialista, chamava a civilização do universal, porque ele foi um discípulo e um amigo fiel de uma grande figura, teólogo e cientista, que foi o padre Teilhard de Chardin que nos anos 60 e 70, foi muito falado e que agora está um pouco esquecido. Esta civilização do universal, que não é a civilização Ocidental, Cristã ou Budista, não são todas essas civilizações que existiram no mundo, é a civilização que tem a ver com todos os humanos, que tem como base os valores inscritos na carta das Nações Unidas e o respeito pelos direitos humanos, e é com base nessa civilização, que se pode estabelecer um diálogo que conduza à paz no mundo entre as diferentes religiões.

Ora, um tal diálogo implica que se seja capaz de olhar para o mundo com olhos realistas e ao mesmo tempo com olhos humanos, e que se seja capaz de ter uma perspectiva global do mundo, mas tendo em conta um valor indispensável que é a verdade: a verdade, e não com a hipocrisia.

Ora, o que é que o mundo nos oferece? O espectáculo das desigualdades entre os seres humanos, as discriminações de raça, as discriminações do dinheiro provocadas pelas condições sociais, as discriminações entre mulheres e homens, as discriminações entre adultos, crianças e idosos; oferece-nos o espectáculo da pobreza mais horrível, da miséria, da fome, a aumentar todos os dias por todo o mundo, ao mesmo tempo que aumenta a concentração inusitada de todas as riquezas. Um homem, a maior fortuna do mundo, Bill Gates, só para citar um; não tenho nada contra ele; pelo contrário, tenho simpatia e respeito pela sua cabeça, mas o Bill Gates tem mais dinheiro, movimenta mais dinheiro na sua empresa do que quatro

ou cinco países soberanos, entre os quais está o nosso e talvez a Espanha. É isto possível? É isto humano? É isto legítimo? E o mundo oferece-nos o espectáculo do crescimento em flecha da grande criminalidade organizada, o narcotráfico, as redes de prostituição e de pedofilia, o comércio ilegal de armas.

Tudo isso é o espectáculo quotidiano a que nós assistimos e, com a criminalidade organizada internacional, a violência e a pequena criminalidade, oferece-nos o espectáculo do regresso de velhas epidemias, pandemias, como a tuberculose, varíola e outras doenças que estavam erradicadas e que voltaram em grande força, até em países como o nosso, do primeiro mundo, e o aparecimento de novas pandemias como a Sida. Oferece-nos o espectáculo do desrespeito pela natureza, o aumento incontrollável da poluição, das lixeiras de produtos tóxicos, o buraco do ozono, o aquecimento da terra, graves atentados contra os oceanos, de modo que eles próprios estão a ser transformados numa lixeira. A marginalização das organizações internacionais e do respeito pelo direito como a ONU. O aparecimento, não se sabe como, de grupos que se dizem directório dos países mais ricos do mundo. O G 7, para dirigir o quê? Com que legitimidade? A incapacidade de criar o tribunal penal internacional, de julgar os criminosos culpados por genocídio e de outros crimes deste tipo. A hegemonia de uma grande potência, os Estados Unidos, e o unilateralismo com que bloqueia o direito internacional no caso do pacto de Kyoto, na questão do ambiente e noutras coisas.

A própria transformação da natureza do capitalismo, que dantes tinha vinculações nacionais através daquilo que se podia chamar o capitalismo inglês, francês ou nipónico, o que quiserem, vinculações nacionais, propostas nacionais, baseado no desenvolvimento das indústrias e da agricultura e do comércio. Mas, hoje, as grandes fortunas não se fazem com nada disso, com produção de riqueza. Fazem-se com pura especulação de bolsas, e num dia fazem-se fortunas mais importantes do que um grande industrial pode fazer durante toda uma vida de trabalho com uma indústria com milhares de trabalhadores.

Isso transforma a natureza do imperialismo de um império, um império de dinheiro que é alimentado por tecnocratas, por fundos de expansões e organizações que manejam acções de bolsa em bolsa, de Tóquio até Nova Iorque ou até S. Francisco, que num dia ganham fortunas e no outro as perdem, permitindo fluxos de capitais que não estão regulamentados a nível internacional, ocasionando assim a inclusão do dinheiro sujo. O dinheiro que resulta da droga, do tráfico da prostituição, das armas e de

todas essas coisas criminosas que entram nos circuitos através de bancos – às vezes os mais responsáveis – e que hoje já atinge a ordem dos 40% dos fluxos de capitais que andam no mundo, ao ponto de já ninguém saber bem qual é que é o dinheiro sujo. E essa perversidade do sistema pode atingir o próprio centro do sistema que é os Estados Unidos. Quando se disse que o Presidente Bush tinha tomado as suas medidas contra certas firmas detentoras de títulos bolsistas, admitia-se que o Sr. Bin Laden antes dos atentados vendeu a bom preço os fundos que tinha das empresas de turismo e das empresas seguradoras e das empresas que foram vítimas, comprando depois as acções em baixa, resultando daí um negócio fabuloso. Então é o descontrolo do próprio sistema, e nós, para o controlarmos, precisávamos de umas Nações Unidas responsáveis com capacidade de estabelecer regras em relação a esses fluxos de capitais. Estes são os grandes desafios que se põem ao mundo. E, como todos os grandes desafios a que estamos sujeitos hoje, não dizem respeito a um só país, não se passam só em Portugal, ou só na China, passam-se no mundo inteiro. São apreciados pelo mundo inteiro.

A guerra contra o terrorismo, a meu ver, tem que ser conduzida com inteligência e não apenas com o recurso à força bruta. Esta é a minha conclusão e assim termino. A paz constrói-se acima de tudo na consciência das pessoas. Daí a importância de uma cultura de paz, daí a importância dos encontros ecuménicos, inter-religiosos. Baseia-se no diálogo e na justiça. Os caminhos para a paz passam pelo reforço das Nações Unidas, por mais desenvolvimento, para todos os humanos, mais democracia, mais participação e mais justiça.

MÁRIO SOARES